

## ***Animo Festas: "Kill Bill dos palhaços"***

*Por Livia Mattos<sup>1</sup>*

Há tempos ouvia falar desse espetáculo. De forma que fui assisti-lo com uma expectativa alta - o que acaba com boa parte do desfrute de nossas experiências como público. Por sorte, o caso não acabou em decepção. Pelo contrário. *Animo Festas*, na figura de Márcio Douglas - que assina criação, atuação, sonoplastia, design gráfico, cenário e figurino - faz uma catarse coletiva necessária em seu solo. Explico. Trata-se da narrativa do palhaço Klaus - obscuro, *underground*, ácido - que apresenta "o submundo das festas infantis" como seu mercado de trabalho, no qual é atravessado por diversas situações que expressam a violência do mundo - ou melhor, a violência humana. Mas nessa ficção, baseada em histórias reais, ao invés de se calar - pela necessidade de sobrevivência material - ele vinga diversos palhaços, artistas e trabalhadores explorados, cada qual em seu meio, criando outras narrativas como possibilidades de resistência. Em outras palavras, cospe uma enxurrada de sapos que tanto temos que engolir nesse sistema.

O tratamento dramático é excepcional, por diversos fatores. Vou elencar alguns deles. Primeiro por partir de um currículo off de palhaços e artistas, que não expõem o que precisam fazer mensalmente para pagar as suas contas, a fim de viver de arte nesse país. Também pela inversão de perspectiva sobre personagens e situações dadas como inocentes - como crianças, DJ's, festas infantis, abraços e

<sup>1</sup> Livia Mattos é circense, acordeonista, cantautora e socióloga. Nascida em Salvador/BA, dedica-se à pesquisa sobre o circo brasileiro - sobretudo no que tange a sua interface com a música - documentando narrativas de circenses veteranos e desenvolvendo trabalhos autorais no campo cênico-musical há 18 anos. Destaca-se, dentro da sua produção criativa, "A Sanfonástica Mulher-Iona", "As trigêmeas", "Mono Amour", "Sanfona aérea", "A Lira da Lona" e o mais novo "Retumbantes" - além do seu álbum "Vinha da ida", lançado pela Natura Musical. Atualmente, é mestrandia em Artes, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

brincadeiras - nos mostrando como as violências são diversas e estão em todos os lugares, mas só costuma ver quem é violentado. Os algozes, que na vida real passam por vezes despercebidos da violência que exercem, são retaliados no espetáculo como ações-espelho: violentas. Um verdadeiro "Kill Bill dos Palhaços", como comentou o autor no bate-papo: "não é sobre justiça, é sobre vingança". A vingança desejada, que vai para o campo da ficção para ser realizada, a fim que reverbere no real.

A música também estrutura a dramaturgia, através do recurso de repetição, sendo utilizada como contraponto climático com a cena ou reforçando o espírito desta. O rock situa a personagem, sendo a paisagem sonora que a define e à qual ela recorre, através dos fones de ouvido, para lidar com o seu entorno. "Ne me quitte pas" é a música que marca a reflexão "Palhaço, você é feliz?", que junto com a luz a pino funcionam como uma quebra dramática que tece o espetáculo. Outras músicas, como a "Bachiana n 5", de Villa Lobos, uma valsinha - que não conheço - servem como contraponto ao grotesco, ao texto, compondo a cena.

A transposição do espetáculo teatral para plataforma virtual, pré-gravada, foi apresentada imbuída de uma transcrição, a partir da qual se incluiu novas cenas, outras formas de performar a mesma cena, o uso da linguagem virtual para criação de piadas, duplicação da personagem em cena, inclusão de documentos pessoais... enfim, uma série de recursos que a edição e a captação prévia permite. Considero, assim como Márcio Douglas, que essa adaptação ganhou potência por expandir o pensamento teatral, pensando o audiovisual como ferramenta criativa.

A construção narrativa do palhaço Klaus, desde tempos de inocência, passando pelo treinamento para lidar com o real, às descidas cada vez mais fundas ao submundo, nos faz cúmplices dele. De forma que é conseguida uma empatia que não vem dos acessos do carisma, mas da identidade com essa personagem, que é uma dilatação de nós mesmos, de nossas dores e amargores. Trata-se de uma metáfora da vida e do ser humano através desse clown-caos-Klaus. Sem dúvida, o *Animo Festas* é um documento poeticômico - ou poetitragicômico - de manifesto, de militância, de grito. Um grito coletivo.